

Migrantes encontram terra em cenário sombrio

O mais novo "eldorado" dos migrantes capixabas somente há pouco tempo passou a constar no mapa de Rondônia. Trata-se da recém-emancipada Buritis, uma cidade que está sendo erguida no meio da floresta. É também o paraíso das madeiras e das serrarias, que deixam a localidade com um cheiro permanente de óleo diesel no ar. Como não há energia elétrica, o combustível abastece as máquinas que cortam a Amazônia. A fumaça negra das 42 exploradoras de madeira em Buritis denuncia a destruição. Buritis amanhece novamente no escuro.

O cenário sombrio não afasta o contingente cada vez maior de viajantes que tentam adquirir um lote nos novos projetos de assentamento criados pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra). Mas não há terra para todo mundo. Muitos migrantes só encontram abrigo na pequena igreja de Buritis, emancipado há quatro anos.

Técnicos do Incra e líderes comunitários acreditam que apenas um terço dos migrantes na cidade receberam o lote de terra. Segundo eles, nada menos que três mil famílias aguardam assentamento. Para sobreviver, trabalham como meeiros em sítios e chácaras.

O lavrador Altair Gomes chegou à região há um ano e não se conforma com o desmatamento desenfreado nas áreas próximas aos lotes. Ele afirma que a derrubada da mata deveria ser feita com mais consciência de preservação. Por Lei, os ocupantes dos lotes do Incra podem derrubar apenas 50% da mata para o plantio. "Muita gente não respeita este limite. Se pudesse não derrubaria nenhuma árvore, mas a gente tem que sobreviver, né?"

A Fundação Nacional de Saúde, no Espírito Santo, registrou este ano 24 casos importados de malária no Estado. No ano passado, 45 das 73 notificações da moléstia nos municípios capixabas vieram de Rondônia. Os dados fazem parte do trabalho de monitoramento da Fundação, que mantém sete laboratórios para exame da doença

MÁRCIO CASTILHO - ENVIADO ESPECIAL



Fotos de Chico Guedes

Luís Carlos seca o café, plantado em seu próprio lote em Buritis. A localidade atrai um número cada vez maior de migrantes em busca dos novos assentamentos do Incra

Uma aula de dedicação e luta no campo

Na escola de Menezes Filho, em Buritis, não existe uma turma para cada série primária. Todos os alunos estudam juntos na mesma sala, obrigando a professora Cirlene Rodrigues, 23 anos, a se desdobrar na aula. Com o giz, ela separa os exercícios em três partes no quadro negro. Acléia Silva está no 2º ano, mas tenta resolver uma questão de matemática da 4ª série. "Quero ser secretária. Acho bonito", diz a menina.

Como os outros colegas de turma, Acléia não tem mochila. Caminha três quilômetros entre a sua casa e a escola levando o caderno num saco plástico. A escola de tábuas foi construída pelos moradores. No início, os alunos sentavam em tocos. Não há luz elétrica. A professora precisa terminar a aula às 16 horas para as 20 crianças não atravessarem a mata no escuro. Os geradores a óleo diesel abastecem parte de Rondônia, mas nem esta atrasada tecnologia chegou a Menezes Filho.

As dificuldades dos alunos não superam, porém, o sacrifício da professora para completar o magistério. A escola de formação mais próxima fica a 130 quilômetros, na cidade de Ariquemes. Cirlene não desanima. Está fazendo um curso de correspondência para se tornar uma verdadeira profissional do ensino. Enquanto isso ela não deixa os humildes filhos de lavradores analfabetos seguirem pelo mesmo caminho dos pais.

"Tenho certeza que elas um dia vão ser alguém na vida", diz.

tem que sobreviver, né?”

Apesar das derrubadas e da exploração das madeiras, Rondônia ainda possui, em seu território, dois terços de mata virgem, sem sinais de devastação. Uma fonte do Inca informou que muitos migrantes são atraídos por grupos políticos em troca de votos. De acordo com a socióloga, Ceres Custódio, costumam entrar em Buritis cinco caminhões de mudança por dia. São famílias com o sonho de recomeçar a vida nos lotes de Menezes Filho, o mais novo projeto de assentamento (PA) do Inca.

“A pressão do homem é tão grande que, enquanto o Governo regulariza o PA de Menezes, novas áreas vão sendo ocupadas”, afirmou.

Com 100 hectares de terra, onde planta 23 mil mudas de café, o agricultor Luís Carlos Pinto, 30 anos, garantiu um lote em Buritis. Porém, como outros aventureiros capixabas, afirma que “deixaria o assentamento na cidade se arrumasse coisa melhor”. Está aí a verdadeira saga dos migrantes, a cada dia desbravando o mapa do país em busca de um futuro melhor.

Buritis, território livre da malária

A malária nunca impediu Orides Araújo de roçar a mata para fazer a plantação. Está acostumado com a moléstia, tanto que guarda em sua casa as 34 notificações da doença que contraiu desde 1995. Com naturalidade, mostra a coleção. Mas há três dias a foice está esquecida no canto da sala. Dessa vez a pneumonia veio forte. O lavrador, de 59 anos, mora em Buritis, no distante assentamento de Menezes Filho. Lá os agentes de saúde registraram cerca de cinco mil casos de malária somente este ano. A localidade, que tem pouco mais de 100 lotes de terra, apresenta uma média de 50 notificações para cada família.

Ofegante, Orides tentará se livrar da tosse com um chá caseiro preparado pela mulher no forno à lenha, mas não surte efeito. “Estava acostumado a levar para a cidade os moradores com malária na minha moto. Hoje sou eu

que preciso de atendimento”, reconhece o agricultor, que teve quatro malárias este ano.

Indenização

Ninguém da família se livra do anofelino transmissor da doença, encarada na região como uma

gripe passageira. Desde 1995, Orides, a mulher e o filho documentaram cerca de 100 notificações da moléstia. “Guardo todos os papéis. Talvez a gente possa precisar no futuro para uma indenização”, diz o lavrador. Ele conta que não recebeu até

hoje um centavo da Superintendência de Campanhas de Saúde Pública (Sucam) pelo seu trabalho de prevenção na comunidade. Orides tinha um miniposto em sua casa, com materiais doados pelo Ministério da Saúde, para exames da malária.

Menezes Filho está situado numa área de difícil acesso, onde uma parte da Amazônia foi rasgada por golpes de facão nas picadas abertas no meio da mata. Nos lotes, as bandeiras vermelhas denunciam que é neste ambiente que o anofelino se prolifera. A sinalização serve de orientação para os agentes de saúde.

A recente estrada de chão e lama ainda tem as pistas divididas por marcas de trator. Somente caminhões e motos conseguem vencer os 30 quilômetros de buracos até o assentamento. Se chover ninguém atravessa o atoleiro. Menezes Filho ainda está nascendo.

UM SONHO E DOIS DESTINOS

Capixabas vivem situações opostas

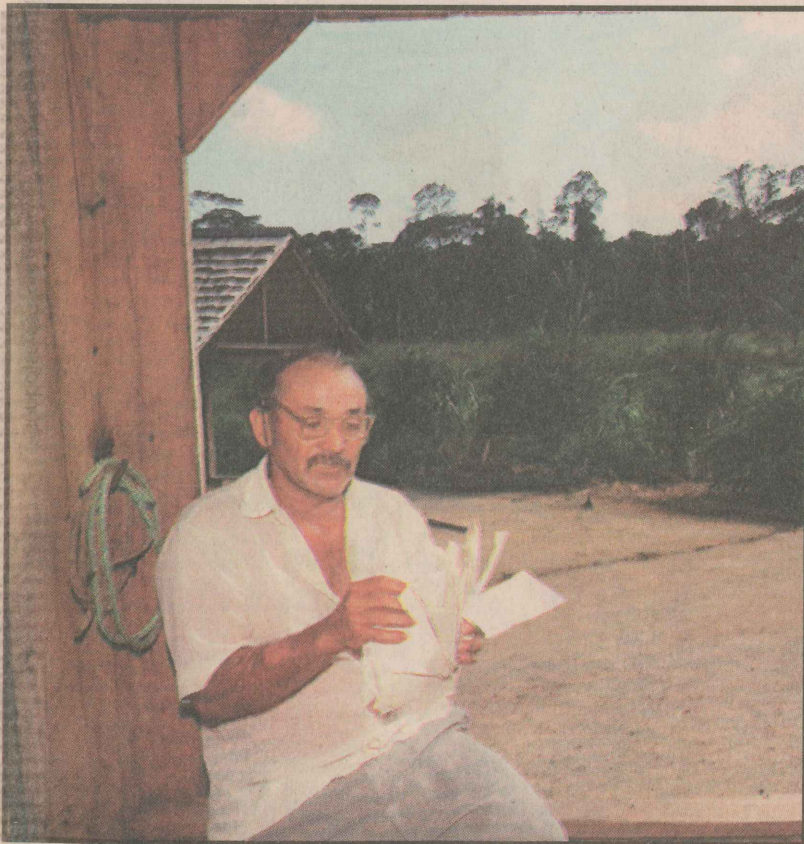
Severiano Dias, o seu Vivi, e Herbet Borchardt são vizinhos capixabas em Rondônia. Chegaram nos anos 70 à Cacoal com o mesmo sonho: conseguir um pedaço de terra e garantir um futuro tranquilo para as suas famílias longe da estiagem do Norte do Espírito Santo. Mas o destino se encarregaria, duas décadas depois, de pôr fim as coincidências. Seu Vivi, 82 anos, nunca foi dono da sua própria plantação. Vive como meeiro no sítio “Céu Azul”. Está conformado com a falta de sorte em Rondônia. “Logo quando cheguei mataram um genro e um sobrinho. Voltei para o Espírito Santo e não encontrei trabalho. Quando retornei para cá o Governo já não estava mais dando terra”. Herbet Borchardt vive uma situação oposta. Morando ao lado do sítio do seu Vivi, deseja ampliar os seus 42 alqueires. A mulher, Florinda, já não dá conta de tanto trabalho na lavoura. “Nosso sonho é ficar em Cacoal o resto da vida. Conseguimos montar a nossa vida. Agora estamos pagando um consórcio para pegar um carrinho mais novo”, conta Florinda.

Aventureiros urbanos obtêm lucro

Enquanto a maioria dos migrantes parte para Rondônia em busca de terras produtivas e baratas, outros capixabas encontram terreno fértil para ganhar dinheiro na cidade. São os profissionais liberais que ajudaram a desenvolver o Norte do país. Em Ji-Paraná, concentra-se a maior parte desses aventureiros urbanos.

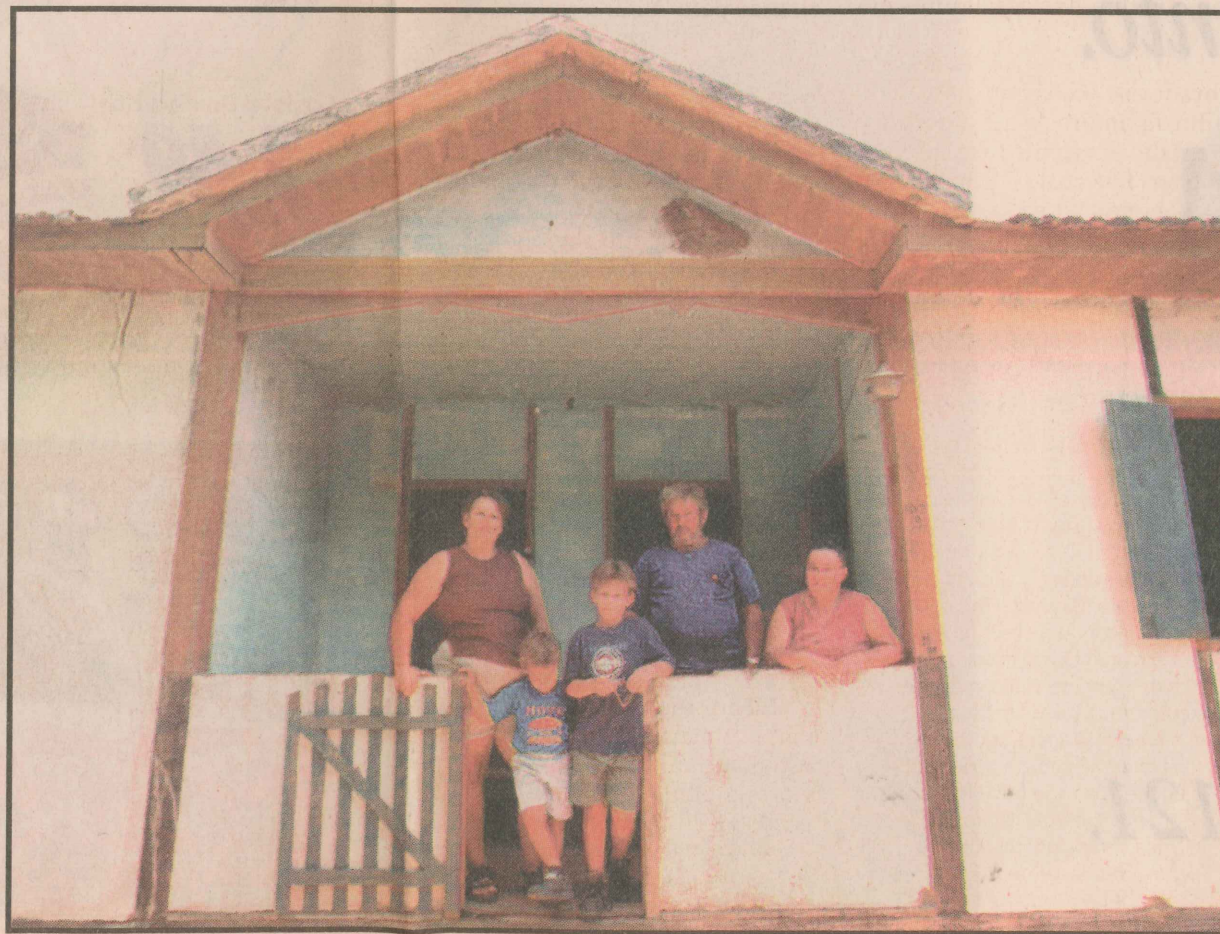
O engenheiro industrial Antônio Valli, 39 anos, saiu do Espírito Santo com o objetivo de levar a energia elétrica para quem vivia no breu rondoniense. Sua opção foi estratégica. Não havia mão-de-obra especializada no lugar.

“Puxei a rede elétrica para a zona rural e outras cidades mais distantes. Tenho imóveis em Porto Velho, Ji-Paraná e Fortaleza. Hoje lembro dos colegas de faculdade. Alguns ainda moram de aluguel”, afirma.



O lavrador Orides, com as notificações do Ministério da Saúde: 34 malárias desde 1995

Moléstia



CONTRASTES

A família de Herbet (à esquerda) e seu Vivi (acima): dois capixabas que chegaram a Rondônia com destinos diferentes

■ A série de matérias foi feita pelo repórter Márcio Castilho e pelo repórter fotográfico Chico Guedes. A GAZETA acompanhou durante dez dias a saga dos migrantes.